

NOTAS SOBRE IDENTIDADE, POLÍTICA E A TAREFA DA ARTE



Luciana Magno

Um corpo que se lança no rio-mar, coberto de ouro, flutua até desaparecer nas águas barrentas da baía; um corpo feminino que flutua, ouro que se entrelaça aos longos cabelos em trança; um corpo que se desfaz nas águas escuras, uma lara se reflete na baía, e traz consigo a *performance* potente da artista Luciana Magno. Essa é uma das cenas do vídeo da artista, que está no Arte Pará 2019, na exposição Deslendarário Amazônico – Paes Loureiro 80 anos, numa sala onde estética e política fundem-se em imagens de grande beleza.

Das questões indígenas e ecológicas presentes nas obras de Elza Lima, da migração e dos grandes projetos para a região em Paula Sampaio, às obras de Armando Queiroz que olha para os artesãos de Abaetetuba, numa potente homenagem em vídeo, realizada em

parceria com Marcelo Rodrigues (e os artesãos da cidade), as obras atravessam, de questões culturais, à uma complexa malha de olhares para a cultura da Amazônia, dialogando com a produção sofisticada do pensamento do professor Paes Loureiro.

Ali, temos o trabalho filosófico-político-súrfico da artista Danielle Fonseca, que apresenta pés de pato em gesso, suspensos e escultóricos, além de aquarelas que falam sobre o universo aquático que carrega em si, além do imaginário, vidas, escorregos e seres flutuantes.

Mais adiante, vem iluminando a sala, o neon escultórico de Keyla Sobral, “River Phoenix” em letras brancas, esse rio que se renova a todo momento, ou o Heráclito querendo mostrar que não podemos nos banhar no rio duas vezes, ou até mesmo um jogo de palavras querendo nos levar ao artista americano morto de *overdose* nos anos oitenta, seus referenciais nos apontam para ambos os lados, sempre nesse tom movente e poético e também crítico à falta de cuidado à qual os rios são



Bené Fonteles



Elza Lima

submetidos.

O artista manauara Roberto Evangelista, falecido recentemente, tem o vídeo *Mater Dolorosa II in memoriam* na parede do centro da sala, com seu grito xamânico ecoando, revelando nossos ancestrais, extremamente invisibilizados, excluídos, maltratados; fazendo uma roda quase mística, de denso encantamento em um brado ecológico tão atual realizado em 1978.

Há também Rafael Matheus Moreira que aponta, com sua pintura potente, uma releitura sobre o mito amazônico da Fundação de Belém, onde “o colonizador está caído morto, em seu rosto tem a maquiagem borrada do palhaço, morto nos braços das laras, atingido pela flecha de uma das nativas do paraíso”, revela o artista.

Já o artista Pablo Mufarrej vem com uma instalação que é um exercício profundo sobre luz e cor, ultrapassando a discussão pictórica adensando questões sobre espacialidades e historicidades, subvertendo uma reflexão sobre tempo e espaço.

Rafael Bqueer apresenta uma *performance* e um vídeo que com suas sereias sedutoras, em roupas que remetem roupas de zentai. No centro da sala, temos a obra do artista Marccone Moreira que traz uma instalação objetos escultóricos feitos a mão em pequeno formato, sementes, que e vem dar à luz questões sobre as precárias condições como os trabalhadores atuam no mercado extrativista, revelando a

desigualdade e a exploração dos mesmos. Éder Oliveira realiza seu Estudo para Retrato de Guaimiaba, em que busca um rosto para realizar a pintura do indígena.

Memórias atravessam as questões identitárias presentes nas obras de Flavya Mutran, com a quase memória de sua família – fotografias apagadas pelas enchentes -, e Guy Veloso, que subverte o espaço fílmico em seu olhar íntimo sobre manifestações populares e religiosas: o “erro”, a sobreposição, a ponta de filme “queimado” irrompem para falar sobre identidade, alteridade e subversão. Subversão está presente em Feito Poeira ao Vento de Dirceu Maués, bem como na instalação de sandálias de Margalho que aludem ao extrativismo e à floresta. Temos ainda a ação de Bené Fonteles na praça do Três Poderes em Brasília, em 1996, e as ações ecológicas de Emerson Murucutu, com sua *drag* Yura Sodoma. Ionaldo Rodrigues, em sua instalação potente mergulha em um livro confiscado e extraviado de Paes Loureiro em 1964, ativando, por meio da arte, uma reflexão crítica sobre os desmandos e as violências que estamos sujeitos.

Beleza não falta a todas essas obras que lançam olhares críticos para o viver e fazer arte na região; apenas levantamos alguns aqui trabalhos como um convite para se visitar o Arte Pará 2019. É possível ver e se impressionar com as pungentes delicadezas de Maria Christina, no reconhecimento e dignidade, presentes no busto escultórico de Elieni Tenório, ou nas imagens de Val Sampaio.



Eder Oliveira



Danielle Fonseca



Ionaldo Rodrigues

O Arte Pará entende que a Arte não pode perder a perspectiva do mundo ao seu redor e entende, como o professor Paes Loureiro, que deslendar-se é necessário para compreender nosso lugar, como vimos no luminoso que aparece na obra de Ionaldo Rodrigues, que reativa a voz do professor: “eis a tarefa: arar o solo” e é esta a tarefa da Arte.

* Curador: Orlando Maneschy
Curadora Adjunta: Keyla Sobral



casabela
O natal dos sonhos

Mundurucus, 2288
3351-2849
D. Romualdo de Seixas, 1055
3241-1999 | 98306-8777
 casabelabelem
 @casabelabelem